

O papel dos jornalistas no *Le Monde Diplomatique*¹

Juliana Sayuri Ogassawara²
Universidade de São Paulo

Resumo

Este artigo aborda questões midiáticas presentes na crítica de *Le Monde Diplomatique*. Fundado em 1954, em Paris, por Hubert Beuve-Méry, *Le Monde Diplomatique* teve suas páginas e suas ideias alastradas por diversos países – em 2013, o magazine contava mais de 40 edições internacionais, considerado um fenômeno único na imprensa internacional. Ao longo de sua trajetória, *Le Monde Diplomatique* teve sua linha editorial marcada por diretrizes politizadas, declaradamente antiimperialistas e antineoliberais. Ancorado na história dos intelectuais, na história política e na história do tempo presente, este artigo pretende analisar as críticas destinadas à mídia nas edições de *Le Monde Diplomatique*.

Palavras-chave

Le Monde Diplomatique; Jornalismo; História.

Introdução

Que é a mídia? Qual é seu papel? E qual *deveria* ser seu papel? Nestas breves páginas, pretendo discutir a perspectiva do periódico francês *Le Monde Diplomatique* a respeito dessas questões.

De início, vale considerar *Le Monde Diplomatique* como um dos *locus* privilegiados para a investigação do papel *de facto* dos intelectuais e dos movimentos das ideias, pois a imprensa pode se revelar terreno fértil para as discussões políticas, enquanto mediador de ideias na esfera dos debates culturais, estéticos, estilísticos, intelectuais, ideológicos e políticos de nosso tempo.³

¹ Artigo apresentado no GP História do Jornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista graduada pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC-Unesp), mestre e doutoranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Este artigo corresponde a um trecho da tese de doutorado desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ No Brasil, diversos estudos abordaram a imprensa como documento e como fonte principal para o historiador. Há uma relevante bibliografia sobre a imprensa alternativa (uma impressionante experiência nacional nos tempos da ditadura civil-militar, com símbolos como *Pasquim*, *Pif Paf* e *Movimento*), sobre a imprensa tradicional (com questionamentos sobre as posições editoriais e políticas de “jornalões” como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*) e sobre as revistas político-culturais (não só nacionais, mas principalmente latino-americanas, como *Lunes*, *Martín Fierro*, *Sur*, entre outras). Entre outros, exemplos emblemáticos se encontram nas dissertações de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado, publicadas no livro *O bravo matutino: imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo* (1980); de Maria Aparecida de Aquino, versada no livro *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): O Estado de S. Paulo e Movimento* (1999); e de Silvia Mikulin, no *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)* (2003); e nas teses de Bernardo Kucinski, com *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991); e de Beatriz Kushnir, com *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição*

Assim, trata-se de uma história *da* imprensa, mas também *na* imprensa e *através da* imprensa (LUCA, 2005). Isto é, diversos prismas refletem no papel da imprensa na historiografia: como observadora, como narradora e como protagonista de uma história. A fim de compreender o presente a partir de uma revista, é preciso desvendar um universo próprio da imprensa: diretrizes editoriais, edições especiais, ilustrações e fotografias, páginas mais relevantes, questões de layout, reuniões de pauta e de redação, relações oficiais e extraoficiais com a política, com os políticos e os partidos. Assim, estudar uma revista implica em descobrir, demarcar e desvelar seus elos internos e externos (JEANNENNEY, 2003), ao considerar que a imprensa é, antes de tudo, um pequeno universo simbólico que merece ser observado por *dentro* e, posteriormente, por *fora*, nas suas relações com a sociedade e o poder.

Vale talvez um pequeno parêntesis: há infindáveis críticas voltadas à imprensa, como registro fragmentário do presente, realizado sob o influxo de diferentes interesses, ideais e paixões. Certamente, é preciso considerar criticamente o jornalismo e a imprensa como construções sociais – afinal, jornais e revistas não imprimem a realidade, mas interpretações sobre a realidade; aliás, jornais e revistas muitas vezes erram, esquivam, tergiversam e, infelizmente, mentem.

Ora observadora ora protagonista da história, a imprensa pode simbolizar uma arena em que jornalistas e intelectuais fazem política – e fazem jornalismo, uma das maiores batalhas por corações e mentes de nosso tempo.

Na imprensa *mainstream*, poucas publicações marcam posições claras e declaradas a respeito dessa batalha de palavras. As presentes páginas pretendem abordar o caso de *Le Monde Diplomatique*, e suas ambições de selar relações entre o jornalismo e a história.

Le Monde Diplomatique foi lançado em maio de 1954 na França, idealizado como suplemento do diário *Le Monde* pautado principalmente pela política internacional. Destinava-se ao universo das embaixadas diplomáticas e da elite econômica internacional, com apenas oito páginas, periodicidade mensal e tiragem de 4 a 5 mil exemplares (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005). Até a década de 1970, o novato magazine seguia fielmente a linha editorial do pai, *Le Monde*.

A irreverência dos intelectuais

de 1988 (2004). Maria Helena Rolim Capelato ainda assina *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)* (1989) e *Imprensa e história do Brasil* (1988).

Desde 1951 no *Monde*, Claude Julien (1925-2005) se tornou editor da seção internacional no fim da década de 1960. Publicou *L'empire américain* (1968), *Le nouveau nouveau monde* (1960) e *L'Amérique en révolution* (1956), o que lhe garantiu notoriedade pelas críticas à política e às relações internacionais norte-americanas. Julien tinha muito interesse nos países do hemisfério sul e nas ideias terceiro-mundistas – e, pode-se dizer, posicionava-se mais à esquerda que os companheiros do *Monde*. No *Diplomatique*, Julien assumiu como diretor a partir de 1973.

A Julien se atribui o que *Le Monde Diplomatique* se tornou. Por um lado, por questões pragmáticas: reorganizou o layout e as seções, inovou as ilustrações e o tom das matérias, com artigos, críticas, dossiês e reportagens especiais; rejuvenesceu e ampliou o corpo de colaboradores, correspondentes internacionais e jovens jornalistas, dissolvendo o protagonismo dos jornalistas do *Le Monde* pai no *Le Monde Diplomatique* filho; ampliou o âmbito das pautas, antes estritamente relacionadas ao campo da política internacional, passando a abarcar questões socioculturais e econômicas, aumentando ainda as páginas dedicadas às novas nações independentes do hemisfério sul. Por outro, por questões metafísicas: o estilo de jornalismo que se tornaria a marca de *Le Monde Diplomatique*.

Em 1979, Claude Julien publicou *Le devoir d'irrespect* (Alain Moreau), um livro provocativo sobre o papel do jornalista – e do intelectual. Para Julien, o jornalismo deveria ser crítico, independente e irreverente. O editor tinha uma visão crítica sobre os intelectuais que, a seu ver, muitas vezes cediam à vaidade vulgar e à ilusória ambição de gravitar em torno do destino das ideias e dos acontecimentos, esquecendo-se seu verdadeiro papel. Dizia que os intelectuais devem ocupar um lugar importante na política – uma ambição legítima, mas que pode levar aos mais graves desvios, arrastando inexoravelmente o indivíduo aos lugares de poder onde impera uma lógica distinta e distante da do intelectual e do escritor, pois “o poder fascina aos intelectuais assim como o mel atrai as moscas” (JULIEN, junho de 2005, p. 3).

Para Julien, as verdades do poder não podem ser as verdades dos intelectuais. Por vocação, os intelectuais deveriam revelar tudo o que poder se esforça para esconder, expor as contradições e as imposturas, dar vez e voz aos que nunca tiveram vez e voz, atrair o olhar para outras realidades. Deveriam, assim, ser críticos, inquietos, obstinados e, principalmente, *marginais* ao poder.

Logo esse espírito de jornalismo crítico, independente e irreverente ao poder, defendido por Julien, marcaria a trajetória de *Le Monde Diplomatique*. Para imprimir essa

identidade nas páginas do periódico foram necessárias certas mudanças paradigmáticas. O sonho de Julien era fazer um jornal em que não se separassem a política, a política econômica, a política internacional, as artes e a literatura, isto é, em que se cruzassem todas as esferas. Ao historiador Nicolas Harvey, declarou: “Assim, introduzir a literatura ao analisar a história política e econômica, a história do presente e as perspectivas de qualquer país, me parece capital” (HARVEY, 2011, p. 61).

Julien valorizava a voz de especialistas para tanto. Assim, a partir de 1973, *Le Monde Diplomatique* aumentou significativamente o número de artigos assinados por intelectuais relacionados às universidades francesas e de outros países. Também marcada por um afã de cosmopolitização de um magazine de vocação internacional, essa primeira mudança ainda se justificou por um processo de conquista de autonomia frente a *Le Monde*. A mudança revelava ainda um desejo de amenizar o eurocentrismo no tratamento das notícias internacionais – permitindo uma compreensão mais próxima à realidade de tais países, não só da dimensão política, mas da história, da cultura, das ideias, da literatura e da sociedade. Ao substituir progressivamente os jornalistas e correspondentes franceses do *Monde* por outros autores, principalmente intelectuais e *scholars* vindos dos países retratados para escrever nas suas páginas, *Le Monde Diplomatique* pôde, ao mesmo tempo, dar seus primeiros passos para sair da tutela editorial do diário, assim como firmar sua legitimidade no campo intelectual.

Na década de 1980, diante de sua ascendente difusão e, conseqüentemente, de seu crescente capital, a revista pôde considerar a contratação de outros jornalistas – à época, a redação ainda se resumia a Julien e Micheline Paunet. Logo Ignacio Ramonet e Bernard Cassen integrariam a equipe. Dois intelectuais vindos do campo universitário: desde 1975 professor na Université Paris VII, Ramonet se doutorou na École des Hautes Études en Sciences Sociales em 1981, enquanto Cassen foi um dos fundadores da Université Paris VIII em 1980.

Por um lado, a aproximação com as alas universitárias. Por outro, o progressivo distanciamento de *Le Monde*. Assim, *Le Monde Diplomatique* passou a firmar uma linha editorial própria, posicionando-se paulatinamente “à esquerda da esquerda” do estreito espectro da imprensa europeia.

A crítica ao pensamento único

O jornalista francês Claude Julien se afastou da direção em dezembro de 1990, após quase dezoito anos dedicados à revista. O sociólogo espanhol Ignacio Ramonet assumiria a direção ainda em 1990, ficando outros dezoito anos. Se Julien deu ares novos ao *Monde Diplomatique*, Ramonet continuou a avançar nessa trilha, dando gás original para a revista, que conquistou notoriedade e relevância internacional a partir da década de 1990.

Pupilo de Roland Barthes (1915-1980), Ramonet lecionou na Université Paris VII, entre 1975 e 2005. Publicou *Nouveau pouvoirs, nouveaux maîtres du monde* (1996), *La tyrannie de la communication* (1999) e *L'explosion du journalisme* (2011), entre outros. Paralelamente à arena acadêmica, passou a atuar como jornalista na década de 1970, colaborando com *Cahiers du cinema*, *Libération* e *Le Monde Diplomatique*.

Ramonet continuou a consolidar dois alicerces de *Le Monde Diplomatique*: a autonomia administrativa e a linha editorial. Na década de 1990, *Le Monde Diplomatique* ainda vivia um paradoxo: a linha editorial estava definida e a redação era independente, mas a revista permanecia enraizada na empresa Le Monde S/A. A ideia primeira, portanto, era firmar sua autonomia administrativa.

Entre as direções tracejadas noutros campos, vale destacar os rumos tomados por *Le Monde Diplomatique* a partir de Ramonet. Em tempos diferentes de Julien, Ramonet precisou lidar com outras questões relacionadas ao próprio *métier* do jornalista e do intelectual, numa sociedade marcada pelo *boom* imagético, a gênese da internet, o frenesi do tempo real e, na sua expressão, a “tirania totalitária” da mídia. Ademais de seus diversos livros com críticas à mídia, seus editoriais no *Monde Diplomatique* também reverberam a filosofia jornalística do sociólogo.

Em outubro de 1993, Ramonet criticava a crise de identidade e de personalidade da imprensa, destrinchando as motivações profundas no estremecimento de pilares básicos do jornalismo. Primeiro, a própria ideia de informação mudou radicalmente: se antes era preciso responder às questões básicas do paradigma de Lasswell, agora a TV pretende mostrar a história em *tempo real*. Logo, as ideias de atualidade e de tempo também mudaram, de tal maneira que passou a imperar a ilusão de que a importância dos acontecimentos seria proporcional à sua riqueza imagética.

Nesse transtorno midiático, Ramonet assinala um deslize fundamental: muitos passaram a acreditar que, confortavelmente instalados na poltrona mirando a espetacular avalanche de acontecimentos fragmentados na TV estão se informando. “Um erro maiúsculo”, diz, que levaria a dois abismos midiáticos de nosso tempo: superinformação e

desinformação. “E enfim, porque querer se informar sem esforço é uma ilusão que remete ao mito publicitário, antes que à mobilização cívica. Informar-se cansa. Esse é o preço que um cidadão paga para ter direito a participar com inteligência da vida democrática” (RAMONET, outubro de 1993, p. 28). Do *Monde Diplomatique*, um:

No *Monde Diplomatique*, consideramos que o fato de se informar continua sendo uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço, pedindo uma verdadeira mobilização intelectual. Uma atividade bastante nobre, na democracia, para que o cidadão aceite dedicar parte de seu tempo e de sua atenção. Se nossos textos são mais longos que os de outros diários e periódicos, é porque frequentemente é indispensável recordar as informações fundamentais de um problema, seus antecedentes históricos, sua trama social e cultural, sua espessura econômica para apreender assim toda sua complexidade. Cada vez mais leitores aceitam essa concepção exigente da informação e se mostram sensíveis diante de nossa maneira, sem dúvida imperfeita, mas sóbria, de observar a marcha do mundo. [...] Um mundo mais difícil de compreender, que exige do jornalista humildade, dúvida metódica, trabalho, pesquisa, imaginação e que naturalmente pede ao leitor mais esforço, mais atenção. Só a esse preço a imprensa gráfica pode abandonar os confortáveis bancos do simplismo dominante e se encontrar com aqueles leitores que desejam compreender para poder atuar melhor como cidadãos em nossas democracias adormecidas (RAMONET, outubro de 1993, p. 28).

Num de seus livros mais críticos sobre a mídia, Ramonet questiona o papel do jornalista atualmente. Via, na década de 1990, uma galopante *taylorização* da profissão: se um dia o jornalismo foi artesanato, agora é indústria – e o jornalista assume um papel coadjuvante nesse sistema, como meros transmissores de informações sob encomenda (RAMONET, 1999).

Le Monde Diplomatique muitas vezes é lembrado como espaço privilegiado para a articulação dos campos jornalístico, universitário e militante. Se Julien avançou nas aproximações com o campo universitário, Ramonet atraiu o campo militante.

Editoriais publicados pontilharam essa trilha. Em fevereiro de 2005, por exemplo, o sociólogo cristalizou a crítica “*La pensée unique*” nas páginas de *Le Monde Diplomatique*. A seu ver, o “pensamento único” é a doutrina contemporânea neoliberal do capital internacional, uma nova ordem fincada no capitalismo, alicerçada nos admiráveis avanços tecnológicos e sua fabulosa mundialização das informações, potencializando as teses neoliberais do *laissez faire*. Segundo Ramonet, o pensamento “único” seria imposto por poderosas instituições econômicas, como Banco Mundial e FMI, aliadas às principais fontes de informação – sob o *prima principium*: a economia prevalece sobre a política.

Em dezembro de 1997, publicou o editorial “*Désarmer les marchés*”. Na época, diante de uma nebulosa crise financeira internacional, o autor diagnosticava a mazela: a

mundialização do capital financeiro, com as articulações tentaculares do Banco Mundial, FMI e OCDE, submetendo países e povos ao seu bel-prazer. Ignacio Ramonet revisitou o economista americano James Tobin (1918-2002), Prêmio Nobel de 1981, ao propor a instituição de uma taxa de 0,1% sobre as transações financeiras internacionais a fim de reduzir as especulações no mercado – na estimativa do editor, o tributo recolheria cerca de 166 milhões de dólares, o bastante para erradicar a pobreza extrema no fim do século XX. Assim aflorou a ideia da *Action pour une Taxe Tobin d'Aide aux Citoyens* (ATTAC), que logo se tornaria a *Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l'Action Cityoenne* (ATTAC), movimento-laboratório contra a mundialização do capital neoliberal, sintonizado com as revoltas de Chiapas (1994) e Seattle (1999), que culminaria no primeiro Fórum Social Mundial, Porto Alegre (2001).

Tais editoriais marcaram posições editoriais e políticas de *Le Monde Diplomatique*. Marcaram ainda um momento em que a revista renovou sua relevância internacional. Após tímida estreia com uma tiragem de 5 mil exemplares na década de 1950, o magazine saltou para 50 mil sob a direção de Claude Julien na década de 1970 – e, até 1990, catapultou para 150 mil. Nos tempos de Ignacio Ramonet, entre 1990 e 2000, atingiu o máximo de 357 mil exemplares. Assim, feito por e para intelectuais, *Le Monde Diplomatique* conquistou seu lugar no painel da imprensa internacional.

O tempo das mídias

Em 2008, o jornalista francês Serge Halimi assumiu a direção de *Le Monde Diplomatique* num momento mais delicado para a continuidade da relevância internacional da revista. Por um lado, o furor altermundialista começou a esfriar, que assumiu mais fortemente seu caráter difuso e diluído ao longo do tempo. Por outro, o raiar da crise financeira internacional de 2008, considerada o mais grave colapso econômico desde o *crash* de 1929. Além disso, o próprio *métier* do jornalista e do intelectual tropeçou num novo contexto, em que as condições técnicas alteraram o ritmo, o estilo e o eixo da produção da informação. Num contexto midiático pautado pelo ritmo frenético da internet, destino de muitos leitores, preservar o papel do papel se tornou um desafio para as mais diversas publicações, da direita à esquerda. Halimi portanto precisou, aliás, precisa lidar com outras adversidades à frente de *Le Monde Diplomatique*.

Desde 1992 no *Monde Diplomatique*, Halimi doutorou-se em ciências políticas na University of California, Berkeley, e lecionou na Université Paris VIII entre 1994 e 2000. Colaborou com o satírico *Charlie Hebdo* e com o crítico *Là-bas si j'y suis* na rádio France Inter. De suas ideias sobre o papel do jornalismo: no livro *Les nouveaux chiens de garde* (1997), prefaciado por Pierre Bourdieu, Halimi esquadrinha uma análise crítica sobre o considerado “conluio” entre os poderes econômico, midiático e político. Faz referência ao livro *Les chiens de garde* de 1932, em que o jovem jornalista comunista Paul Nizan (1905-1940) criticava as análises de certos filósofos de sua época que fomentavam a perpetuação de uma filosofia *idealista* distante da realidade, da miséria material, das mazelas, da guerra – os cães de guarda. Para Halimi, por sua vez, os novos cães de guarda ladrariam nos microfones, atingindo decibéis mais altos que nos púlpitos, e distorceriam as realidades sociopolíticas, servindo aos interesses dos *maîtres* do mundo.

Em outubro de 2009, Halimi revisitou a questão sobre os rumos do jornalismo no editorial “*Notre combat*”, no *Monde Diplomatique*. O editor lembra que há décadas a revista propalava a formação de um turbilhão econômico, que viria a irromper e desvatar redações. E, por fim, faz um apelo a seus leitores, para tomar parte na batalha das ideias e transmitir a novos leitores a *manière de voir* de *Le Monde Diplomatique*.

Em outubro de 2010, outro “*Notre combat*” foi publicado, lembrando a campanha a apelar aos leitores para angariar fundos, convidar amigos para assinar a revista, adquiri-la mais frequentemente nos quiosques. Em três meses, 1.648 leitores contribuíram com um total de 164.321 euros para o magazine, que pôde equilibrar enfim as contas da casa. Halimi recorda que tais donativos se voltaram para amparar ainda mais solidariamente as finalidades do *Monde Diplomatique* de acordo com seus valores editoriais: garantir preços mais acessíveis da revista nos países pobres, acompanhar edições estreantes (à época, a húngara e a curda), acompanhar edições economicamente difíceis (como a armênia e a peruana). Nessa linha, a direção francesa dedicou 82.000 euros para equilibrar as tarifas preferenciais nos países do hemisfério sul, 83.000 euros para ajudar as edições internacionais, 63.000 euros para investir em investigações e reportagens, 54.000 euros para indexar digitalmente o arquivo histórico do *Monde Diplomatique*.

Para Halimi, o jornalismo mingua há muito tempo, por questões de princípios da profissão. Um pilar da estrutura, marcada por novos “feudos hereditários” – os impérios de Arnault, Berlusconi, Boygues, Murdoch, Slim etc. Outro, a internet – mas, adverte, o jornalismo já vacilava antes da internet, com as estruturações redacionais, as pressões

publicitárias e de outras ordens. Halimi vê a internet como ferramenta a contribuir para aumentar o impacto do magazine mundo afora, mas não para garantir sua existência.

Assim, Halimi finaliza o editorial com um convite ao leitor: lembrar as razões para se ler *Le Monde Diplomatique*. Para tanto, recorda a identidade da revista:

Quem mais continuará a financiar um jornalismo de interesse geral aberto ao mundo, dedicar duas páginas aos mineiros da Zâmbia, à marina chinesa, à sociedade letã? Esse periódico não está isento de defeitos, mas encoraja os autores que viajam, investigam, saem de suas casas, ouvem, observam. Os jornalistas que concebem o periódico não são nunca convidados aos jantares dos poderosos, não “flertam” com os lobbies farmacêuticos ou o setor financeiro, não são *habitués* da grande mídia. Estes, aliás, que transformam cada “nova fórmula” doutros jornais e transformam suas *revues de presse* em morada reservada a cinco ou seis títulos, sempre as mesmas, ocultando diligentemente *Le Monde Diplomatique* apesar de seu impacto internacional inigualável. Basicamente, é o preço da nossa singularidade (HALIMI, outubro de 2009, p. 28).

A singularidade de *Le Monde Diplomatique* é marcante, de fato. Singularidade esta, vale dizer, diversas vezes destacada em metadiscursos elogiosos. Singularidades como a redação mais horizontal e especializada, a linha marcadamente antiimperialista e antineoliberal, o estilo mais analítico do *journal* realizado tal qual uma revista, reunindo diferentes gêneros jornalísticos, entre artigos, editoriais, manifestos, reportagens especiais, textos literários e assim por diante. Híbrida entre um jornal e uma *revue intellectuelle*, para abraçar essas pretensões, a revista integra redatores, correspondentes e colaboradores vindos de diferentes horizontes, convergindo campos intelectuais, jornalísticos e militantes. A identidade singular do *Monde Diplomatique*, assim, se firma em oposição ao outro – este simbolizado por um jornalismo alvo de críticas dos editores.

Uma revista original, mas também campo de tensões e conflitos, nas discordâncias e conflitos de ordem editorial dentro do próprio *Le Monde Diplomatique*, como quaisquer campos intelectuais. A linha de *Le Monde Diplomatique*, aliás, se adjectiva de diversas maneiras segundo os olhares diferentes de seus intelectuais – à esquerda, alternativa, altermundialista, terceiro-mundista, republicanista, revolucionária, de “contra-informação”, de “contra-poder” e assim por diante.

Entre o jornalismo e a história, o papel pretendido por intelectuais no *Monde Diplomatique* é participar do debate público, contribuir para questões importantes internacionais, construir propostas alternativas. Contemplar o mundo, mas também agitá-lo. Às versões consideradas superficiais e conservadoras da história vulgarizada e divulgada na mídia, o magazine privilegia um outro olhar – expressão esta que volta diversas vezes às

vozes, às páginas e às linhas de *Le Monde Diplomatique*, que abre possibilidades de aproximação com a história, pela semelhança dos métodos (análises de conjuntura, apontamento dos interesses envolvidos, perspectiva dilatada, análises de causas, previsão de consequências, entre outros) (VICENTE, 2009, p. 191).

Um outro olhar

Claude Julien dizia um *devoir d'irrespect*. Ignacio Ramonet, um baluarte contra a *pensée unique*. Serge Halimi, um ofício intelectual *singular*. Muitas críticas e metadiscursos sobre o jornalismo ocuparam as páginas da revista.

Em janeiro de 2005, Ignacio Ramonet voltou à questão da concentração midiática, num contexto marcado pelo *fabuloso* desenvolvimento tecnológico, que dispõe a informação a um alcance internacional imenso e veloz. O editor registrava que, pela primeira vez desde 1990, a matriz francesa de *Le Monde Diplomatique* foi tragada pela crise do jornalismo impresso, com uma queda de 12% na difusão. O editorial atribuía o impacto negativo a uma combinação de causas externas (a expansão dos domínios da internet e da cultura web, com informação gratuita mesclando fatos verificados e rumores, análises documentadas e impressões “fantasiosas”) e causas internas (a galopante perda de credibilidade do jornalismo impresso, entre erros, manipulações e mentiras). Nas sociedades hipermediatizadas, Ramonet vê paradoxalmente um estado de “insegurança informativa”, pois a informação prolifera, mas sem garantias de confiabilidade. Diante disso, a proposta de *Le Monde Diplomatique* é continuar melhorando seu conteúdo editorial, convidando a mobilização e a solidariedade de seus leitores para defender a independência da revista, que se define:

Somos o jornal da sociedade em movimento, dos que querem que o mundo mude. E estamos dispostos a nos mantermos fiéis a princípios fundamentais que caracterizam nossa maneira de informar. Moderando a aceleração midiática; apostando num jornalismo das luzes para dissipar as sombras da atualidade; interessando-nos por situações que não estão sob os refletores da atualidade, mas que ajudam a compreender melhor o contexto internacional; propondo dossiês cada vez mais completos, mais profundos e melhor documentados sobre os grandes temas contemporâneos; indo ao fundo dos problemas, com método, rigor e seriedade; apresentando informações e análises inéditas que muitas vezes permaneciam ocultos e atrevendo-nos a ir na contracorrente das mídias dominantes. Estamos convencidos de que a qualidade da informação depende do debate cívico. A índole desse debate determina em última instância a riqueza da democracia (RAMONET, janeiro de 2005, p. 40).

Em janeiro de 2007, Ramonet voltou à crise do jornalismo impresso, com impacto na França e no mundo. Voltou aos argumentos propostos em editoriais anteriores: o jornalismo “espetáculo”, a internet “fascinante”, os conglomerados contemporâneos e os poderes econômicos e políticos a orquestrá-los. Lembrou que a publicidade se limita a 5% das páginas da revista francesa, o que seria um ato simbólico para preservar sua independência diante dos interesses do mercado (HOLZINGER, 2013, p. 39). Voltou a convocar os leitores, contando com sua solidariedade, mostrando ainda novidades: inovações temáticas, novas seções, novo layout, mas mantendo o estilo e o conteúdo.

Tempos extremamente diferentes de 1954, quando *Le Monde Diplomatique* nasceu na França. A informação digital agora transcorre como um “fluido vital” nas veias da sociedade, nas redes eletrônicas, nos smartphones, nas telas diminutas. É o ápice do que o sociólogo designava a tirania da informação. Nesse *looping* informativo nas sinuosidades das redes eletrônicas, é o fim do jornalismo de papel?

No *Monde Diplomatique*, a jornalista Marie Benilde escreveu um artigo, lembrando que um banqueiro do BNP-Paribas, convidado de um congresso da imprensa francesa em Estrasburgo, em 2006, causou furor ao dizer que os jornalistas se encontravam na mesma situação que os operários da indústria siderúrgica da década de 1970: fadados a desaparecer, mas sem saber disso ainda. Os anos seguintes mostraram contextos desoladores: em 2009, *The Washington Post* fechou escritórios fora da capital, *Los Angeles Times* e *Chicago Tribune* quase faliram; mais de 2.300 jornalistas foram demitidos na França, 24.500 nos Estados Unidos – em bom português, no jargão jornalístico isso se denomina *passaralho*. Na linha da autora, cito outro exemplo, mais atual: se em 2000 *The New York Times*, prestigiado internacionalmente, faturou 3,5 bilhões de dólares, em 2012 as cifras caíram para 1,9 bilhão de dólares.

Em dez anos, a internet saltou na participação nos faturamentos das indústrias culturais de 4% a 22%, enquanto a imprensa despencou de 40% para 14%. Além da gratuidade da internet, a jornalista vê um desinteresse evidente do público diante do conteúdo pago oferecido por uma elite jornalística com pouca credibilidade, sobretudo por suas propensões ideológicas. Por outro lado, a web 2.0 atraiu muitos, muitos leitores, a se tornarem também produtores de conteúdos – vídeos no YouTube, fotos no Facebook, comentários e até análises da atualidade nas diversas redes digitais. Atrás do “tempo perdido”, os jornais e revistas não singularizaram seus conteúdos, mas apostaram na rapidez: estar presente em todo lugar, em todo momento, em todas as mídias. Quanto aos

jornalistas, diz Benilde, foram intimados a mostrar mais serviço. Os tais jornalistas multimídias passaram a se pautar por um ritmo insano, desviando-se do que deveria ser sua prioridade absoluta: a busca de informações inéditas, com ângulos de abordagens originais (BENILDE, fevereiro de 2010).

Desde fins do século XX, outros atores conquistaram espaço e ciberespaço: novas empresas de telecomunicações, poderosos buscadores (Google) e infinitos portais, novos produtores de software (Oracle, Microsoft) e arrojados gadgets (smartphones, tablets), além das onipresentes redes sociais (Facebook, Foursquare, Instagram, Twitter, YouTube). A internet virou um território disputado – um estudo do Boston Consulting Group, por exemplo, destacou que a maior fatia da economia digital (mais de 50%) é engolida por operadoras de telecomunicações, seguidas por companhias como Google e Facebook (22%) e por fabricantes de *gadgets* (14%). As empresas jornalísticas ficam na lanterna, com apenas 7% do faturamento do negócio digital no mundo inteiro. Esse é o jogo jornalístico no século XXI.

E, no jogo jornalístico, ao criticar a atuação de jornalistas diante das pressões cotidianas, *Le Monde Diplomatique* enumera diversos fatores estruturais – mas se esquece, vale dizer, que seus próprios jornalistas mui raramente vão a campo. Que seus jornalistas e intelectuais escrevem dentro das redações e das universidades, num *timing* privilegiado, mas que nos bastidores da imprensa *mainstream* há, sim, talentosos e jovens repórteres que fazem malabarismos para conciliar suas convicções éticas às diretrizes do editor e, principalmente, do diretor da casa. Friso, pois muito frequentemente aos jornalistas, peões num tabuleiro muito maior, são atribuídas as tais manipulações midiáticas. Por isso é bem-vinda a frase do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, destacada nas páginas do *Diplô*: “Ninguém ignora que que nas redações dos diários, dos estúdios de rádio e TV, há jornalistas sensíveis e talentosos, gente que estima a seus contemporâneos, que considera que nosso planeta é um lugar apaixonante, que vale a pena conhecer, compreender e salvar” (KAPUSCINKI, 1999, p. 27). Ainda assim, *Le Monde Diplomatique* mira críticas aos conglomerados midiáticos que, por seus vínculos políticos e econômicos, representariam uma ameaça à liberdade de expressão. Ao indicar os vícios dos outros, transversalmente elogia as próprias virtudes – a tal *singularidade* que pretende garantir sua independência.

Le Monde Diplomatique, já se disse, se vale de um metadiscorso elogioso para definir sua identidade – às vezes, *avec arrogance*. Não faltam adjetivos auto-elógicos e auto-atribuídos às edições de *Le Monde Diplomatique*, tanto nas vozes de seus jornalistas e

intelectuais quanto nas letras de seus editoriais, como “sério”, “documentado”, “crítico”, “influyente”, “prestigioso”, “prestigiado”, “respeitado”, “singular”. Num folheto institucional de 2010/2011, *Le Monde Diplomatique* se declara “rigoroso”, “independente”, “crítico”. Entre redação de jornalistas, tribuna de intelectuais e QG de ativistas, *Le Monde Diplomatique* se tornou, aos olhos de seus produtores e de seus leitores, uma “instituição”.

Há pontos, entretanto, a destacar. Primeiro, *Le Monde Diplomatique* confronta um paradoxo entre a proposta de que “informar-se cansa”, do editorial francês de Ignacio Ramonet de outubro de 1993, e os tempos atuais, de uma sociedade hipermediatizada e extremamente veloz. Se a proposta das edições de *Le Monde Diplomatique* é informar, vale questionar: a quem? Quem atualmente irá dispor de tempo e de energia para ler seus longos artigos de mais de 20 mil caracteres, minutar e conferir suas referências bibliográficas?

Mas é preciso tentar, dirão, pois muitos leitores valorizam justamente esses diferenciais da revista. Sim, é preciso insistir, uma vez dedicados a essa proposta de compreender e de mudar o mundo. Entretanto, se tiverem tais ambições, é preciso instigar, convidar, atrair o leitor, diante de uma sociedade tal superinformada e a um só tempo desinformada, diante de uma atualidade veloz de metrópoles convulsionadas, onde de manhã acordamos já grudados no celular, “zapeamos” notícias e *fait divers* no tablet, conferimos o trânsito na rádio dentro dos carros já engarrafados no trânsito, à tarde “zigzagueamos” no trabalho entre abas e abas repletas de imagens e hiperlinks, à noite assistimos à TV para pensar na vida, ou para não pensar, marcamos um café com os amigos no Facebook, narramos o evento no Twitter e mostramos o quão divertido está o encontro no Instagram. Socializamos o tempo todo, compartilhamos o tempo todo. Nesse ritmo vertiginoso, quem irá parar num quiosque, desembolsar 4,50 euros, ou 25 pesos, ou 15 reais, para adquirir uma revista de cerca de 40 páginas, com milhares de letras pequenas, belas ilustrações mas raras fotografias, que afirma oferecer uma visão crítica sobre um mundo em estado crítico? Como seduzir o leitor “real” para esboçar reações diferentes de um bocejo diante das abstrações analógicas, dos pensamentos ritmados por outro compasso? Como convencer o leitor “ideal” a embarcar na ideia de que se informar cansa, de que se informar requer uma atividade produtiva, uma mobilização intelectual do leitor real? Como tentar mudar as regras do jogo jornalístico?

A resposta, se há, evidentemente não é simples. Se mesmo poderosos diários, como os americanos *The New York Times* e *The Washington Post*, tremulam para conseguir manter seu papel de papel, *Le Monde Diplomatique* também está tentando encontrar essas

respostas. Diferentemente de outros veículos que mergulharam fundo na web, porém, as revistas francesa e argentina ainda preservam uma vocação internacional e uma vocação impressa, que não é engolida como as pílulas de notícias e flashes midiáticos. Pede, por outro lado, para ser digerida linha a linha, página a página.

É bem-vinda, nessa tônica, a provocação de Robert Darton n’*O beijo de Lamourette*: “Será que os editores de jornais, os diretores de cinema, os produtores de televisão e os editores de livros colaboram inadvertidamente num esforço geral de tornar a cultura digerível, transformando-a num *mingau sensacionalista*? As próprias indústrias culturais estarão organizadas para tornar seus produtos de fácil consumo?” (DARNTON, 2010, p. 14, grifo nosso). Fugir a essas fórmulas inevitavelmente levaria um produto mais sólido, mais sisudo, como se pretende *Le Monde Diplomatique*, a ficar de fora do menu midiático atual?

Considerações finais

Este artigo se propôs a abordar criticamente a perspectiva de *Le Monde Diplomatique* a respeito da própria imprensa e do papel do jornalista.

Ao longo de sua trajetória, *Le Monde Diplomatique* teve delineada uma linha editorial singular, oscilando entre uma revista de atualidades e uma *revue* acadêmica, com artigos e ensaios longos, marcados por muitas notas, cronologias, dossiês, glossários, índices e referências bibliográficas. A partir de textos elaborados, assinados por escritores e editores especializados, *Le Monde Diplomatique* pretende ultrapassar os almanaques de atualidades e as antologias efêmeras do cotidiano. Nas suas páginas escreveram importantes intelectuais contemporâneos, como Eric Hobsbawm (1917-2012), Herbert Marcuse (1898-1979), Jean Baudrillard (1929-2007), Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu (1930-2002), entre muitos outros. Firmou-se nessas rubricas e nessas ideias a marca da revista, que almeja oferecer uma visão alternativa, uma mirada crítica dos acontecimentos atuais, um ponto de vista singular, uma perspectiva atilada do jogo das relações internacionais, um outro olhar ou, na expressão preferida pelos editores franceses, uma *manière de voir*.

Nestas palavras finais, friso três pontos: na década de 1970, Claude Julien revolucionou a linha de *Le Monde Diplomatique*, flertando com as alas universitárias e orientando a revista à atual linha de contestação; na década de 1990, Ignacio Ramonet atraiu e aproximou os campos militantes, com críticas ferrenhas à sociedade tragada pela globalização neoliberal; por fim, desde 2008, Serge Halimi precisa lidar com outros

desafios para (tentar) garantir a continuidade de uma revista que, como demonstrei em diversos exemplos, conquistou notoriedade por suas ferrenhas críticas à própria mídia.

Referências bibliográficas

- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- HARVEY, Nicolas. *Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent de du journalisme, de l'université et du militantisme*. Rennes: Université de Rennes I. Tese de doutorado em ciência política.
- HOLZINGER, Flavie. “*Le Monde Diplomatique d’Ignacio Ramonet de 1991 à 2008: analyse géopolitique des représentations*”. Paris: Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis, 2014. Tese de doutorado em geopolítica.
- JEANNENNEY, Jean-Noël. “A mídia”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 213-230. LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- SZCZEPANSKI-HUILLERY, Maxime. “*Les architectes de l’altermondialisme, registres d’action et modalités d’engagement au Monde Diplomatique*”. In: AGRIKOLIANSKY, Eric ; FILLIEULE, Olivier ; MAYER, Nonna (Orgs.). *L’altermondialisme en France: la longue histoire d’une nouvelle cause*. Paris: Flammarion, 2005.
- VICENTE, Maximiliano Martín. *História e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Fontes

- BENILDE, Marie. “*Esplendor y miseria del periodismo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n. 128, fevereiro de 2010.
- HALIMI, Serge. *Les nouveaux chiens de garde*. Paris: Raison d’Agir, 2005.
- _____. “*Notre combat*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2009, p. 28.
- JULIEN, Claude. “*Le devoir d’irrespect*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 2005, p. 3.
- KAPUSCINSKI, Ryzsard. “*¿Acaso los medios reflejan la realidad del mundo?*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n. 3, setembro de 1999, p. 26-27.
- RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. Traduzido por Lúcia Mathilde Endlich Orth.
- _____. “*S’informer fatigue*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1993, p. 28.
- _____. “*Medios en crisis*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n. 67, janeiro de 2005, p. 40.